



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

POLÍTICAS URBANAS NO QUILOMBO LARANJEIRA, IGRAPIÚNA - BA

DELÂNIA SANTOS AZEVEDO BATISTA¹

Resumo: O presente artigo apresenta resultados obtidos através da pesquisa de mestrado elaborada por esta autora, nos anos de 2013 a 2015, cujo título é Políticas Urbanas e seus impactos na Territorialidade do quilombo Laranjeira-Ba², onde é feita uma leitura do Quilombo Laranjeira a partir das relações entre o grupo social, as políticas públicas e o território. O Quilombo Laranjeira está localizado na zona rural do município de Igrapiúna, Baixo Sul da Bahia e desde início dos anos 2000, o seu território vem sendo modificado pela implantação de políticas urbanas. Neste estudo, foi possível vivenciar o território de Laranjeira, dialogar com seus membros e cadastrar os elementos espaciais, desenvolvendo um estudo de caso com abordagem qualitativa, que possibilitou a caracterização do território antes e depois das políticas públicas, denominados neste texto como territorialidade tradicional e standardizada, respectivamente. Tal diferenciação se deu pela observação in loco e pela adoção de categorias de análise. A superposição das territorialidades identificadas no mesmo território revela a interação entre os poderes locais tradicionais e os poderes externos, como o Estado. A dissertação citada tornou possível verificar o quanto a maneira racional e padronizada com que as políticas urbanas vêm sendo implantadas, ferem os aspectos culturais, étnicos e produtivos locais; e traz à tona a emergência de implementar políticas urbanas que se adequem às particularidades dos quilombos brasileiros.

Palavras chave: Territorialidade quilombola; Redes técnicas; Políticas Públicas.

Introdução

Aprofundar saberes sobre as territorialidades afro brasileiras é um anseio que mobilizou a realização da pesquisa de mestrado, cujos resultados são apresentados parcialmente neste artigo.

A política urbana é compreendida aqui como política pública de recorte social, de responsabilidade do Estado, mas não pensada somente por seus organismos, com uma atuação que se estende no município como um todo, envolvendo a cidade e o campo.

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA. delazevedo@yahoo.com.br

² BATISTA, Delânia Santos Azevedo. **Políticas Urbanas e seus impactos na Territorialidade do quilombo Laranjeira-Ba**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia – Salvador: FaUfba, 2015. 264 folhas.



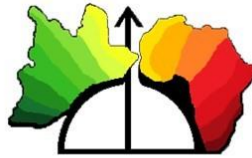
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Laranjeira localiza-se na região denominada Baixo Sul, do Estado da Bahia, na zona rural do município de Igrapiúna. Possui uma população estimada de 280 habitantes, distribuída em um território de aproximadamente 500 hectares. É formada majoritariamente por afro-brasileiros, que se assentaram ali há pelo menos 130 anos, ocupando áreas devolutas nos interstícios das cercas dos fazendeiros da região de Camamu. A comunidade tradicionalmente vivia da agricultura de subsistência e a comercialização da farinha de mandioca nas feiras próximas, utilizando técnicas próprias de produção, moradia e lazer.

No caso específico do Quilombo Laranjeira há uma relação entre o contexto histórico que paira na sociedade brasileira e as escolhas do grupo, os quais buscando maneiras de sobreviver e garantir o livre sustento de suas famílias vem se adaptando as brechas de liberdade ofertadas pela sociedade. Desse modo, o quilombo em estudo, pela sua característica histórica de estabelecer contatos comerciais com os municípios de Igrapiúna e Camamu, foi no ano de 2006, certificada pela Fundação Cultural Palmares (FCP) como sendo uma Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ). Essa certificação favoreceu a comunidade a ser contemplada com inúmeras intervenções das políticas públicas para as áreas de educação, saúde, redes técnicas e mais recentemente novas habitações. Estes elementos geográficos ao serem projetados e implementados impactam no território da comunidade.

Mesmo com as modificações territoriais identificadas, o Quilombo Laranjeira fornece elementos para complexificar ainda mais a discussão, pois já se pode perceber naquela comunidade a adaptação entre as técnicas e lugares tradicionais e as técnicas e lugares novos. Nessa mescla, outras apropriações territoriais estão surgindo e indicando uma recriação territorial própria do habitante local, (re)arranjos territoriais com componentes novos e antigos, usados estrategicamente de acordo com o momento vivido.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

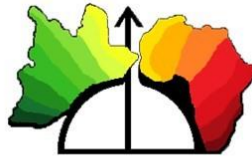
A identidade territorial e as formas espaciais.

Segundo Defreyne *et al* (2010) o fenômeno urbano em decorrência da globalização e do capitalismo vem se expandindo bastante através das redes técnicas, estas por sua vez, apesar do caráter global, influenciam localmente os territórios em que são instaladas.

Para Haesbaert (2004) o elo entre o social e o seu território, vem sendo bastante discutido devido o avanço do processo dominante da globalização, que tende a transformar a apropriação territorial da sociedade contemporânea de modo complexo e intenso repercutindo em mesclas culturais ou hibridismos.

O hibridismo, segundo Haesbaert (2012), implica mobilidades, dinâmica espacial e o estabelecimento da multi-trans territorialidade. Territórios e territorialidade que ora se aproximam a partir da relação entre os sujeitos e neste movimento participam na construção de novas identidades e alteridades em uma perspectiva multi-tras cultural. Nesse momento histórico globalizante e de múltiplas maneiras de des-re-territorializar, a sociedade tem como desafio o reconhecimento e a defesa da própria identidade. Uma vez que a identidade personaliza os lugares em um mundo globalizado. De acordo com Tarouco & Reyes (2010), a construção da identidade do indivíduo sempre foi baseada em aspectos simbólicos relacionados com seu território e com sua história. O termo identidade está relacionado tanto ao indivíduo no âmbito pessoal, como a ele e sua relação com a coletividade. Em todo caso entende-se que toda identidade é uma construção social. Os diferentes grupos, ao longo do tempo, criam significados construindo suas identidades, as quais podem estar vinculadas a uma determinada cultural, ideologia, religião, etnia, território, dentre outros.

Conforme Pollice (2010), a identidade territorial gera e orienta os processos de territorialização, por outro lado, estes últimos reforçam o processo de identificação da



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

comunidade com seu espaço vivido. Neste movimento, identidade e território se reforçam e se modificam.

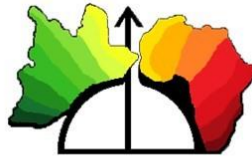
A identidade não é um fenômeno estático, mas *dinâmico*, fruto da incessante interação entre uma determinada comunidade e o seu espaço relacional. Isto não quer dizer negar a existência de valores identitários radicados no tempo e no espaço, mas, antes, evidenciar os riscos de uma cristalização das identidades históricas, sobretudo quando estas últimas são propostas como critérios ordenadores do presente e referências projetuais para o futuro (POLICE, 2010, p. 10).

A dinamicidade da identidade, ou seja, essa variação no tempo e no espaço, pode ser usada como característica facilitadora na adaptação do território às mudanças. Este autor explica que,

A inovação territorial tem êxito quando é resultado de escolhas compartilhadas por parte da comunidade local e das forças que operam sobre território, e tal compartilhamento é mais fácil realizar-se quando se está na presença de um forte sentido indenitário (POLLICE, 2010, p. 12)

Ao se implementar mudanças numa escala local geralmente ocorre a participação conjunta de sujeitos culturalmente diversos, animados por interesses por vezes contrapostos. Por isso, nesta fase o sentido de pertença terá uma preponderância, contribuindo para responsabilizar os sujeitos co-envolvidos e a estimular o comportamento proativo. Ainda mais complexo é o papel que a identidade pode desenvolver nos processos de inovação de matriz exógena, por exemplo: as redes técnicas. Nestes casos, De acordo com Pollice (2010), a identidade territorial, pode favorecer a contextualização dos estímulos inovadores de proveniência exógena e, portanto, o manifestar-se dos processos co-evolutivos local/global.

É mais comum reconhecer os efeitos negativos das inovações de matriz exógenas no plano indenitário considerando que a identidade é tida como “elemento frágil”, sensível demais às mudanças induzidas por fatores externos, porém o autor instiga a refletir sobre outro ponto de vista, no qual “atribuem à identidade territorial um papel ativo na gestão dos processos inovadores” (POLLICE, 2010, p 13). Neste caso a identidade contribuiria para a seleção e adaptação da comunidade aos estímulos externos.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Para Pollice (2010) essa segunda abordagem tem maior relevância, por reconhecer na identidade territorial um papel preponderante na aceitação e adaptação as mudanças, se enriquecendo de novos conteúdos através de um processo de reinterpretação inovadora.

Neste viés, Doria³ *apud* Pollice (2010), sugere o entendimento da identidade territorial como um guia da ação projetual, que orienta as escolhas e afunila o universo de alternativas possíveis.

A preservação dos valores indenitários contribui para a continuidade do território e, para a manutenção dos “equilíbrios sociais, políticos e ambientais sobre os quais o sentimento indenitário da comunidade local se funda”. (POLLICE, 2010, p17)

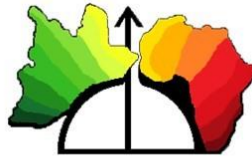
Na esteira das definições acima colocadas, entende-se que o desenvolvimento local pode ocorrer de forma plena e positiva, caso se fundamente na identidade territorial do grupo social envolvido. Em contraposição a atuação das políticas públicas pode ser danosa ao território do grupo social caso sua implementação não seja coerente com a identidade do grupo, a qual não deixará de existir, mas será reinventada para se adaptar a nova realidade histórica. Nesse processo podem ocorrer perdas significativas da tradição étnica.

Mesclas culturais no Quilombo Laranjeira

As alterações sofridas no espaço de Laranjeira em decorrência das políticas públicas de infraestrutura e habitacional interferem no território, propondo outras formas de organização do espaço. Assim, a partir da identidade própria e da territorialidade tradicional já estabelecida, as famílias, adquirem novas orientações de suas práticas diárias, de trabalho, de relações internas e externas, ou seja, se territorializam, (re)construindo outros espaços.

Esse processo de territorialização atual deve ser compreendido como uma continuidade de outras fases históricas.

³ DORIA Luigui. **Identità, territorio, sviluppo. Um percorso di interpretazione.** In “Archivio di Studio Urbani e Regionali”, Milano, 2002, 73, pp. 119-144.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

O primeiro ciclo se deu ainda no Brasil colônia, quando africanos são forçados a se desterritorializar⁴. Depois, eles e seus descendentes buscando se reterritorializar têm que se defrontar com nova identidade territorial. Ou seja, em territórios dominados por índios e portugueses com seus elementos simbólicos e culturais, precisaram criar estratégias de sobrevivência, perambulando em busca de áreas devolutas para finalmente se assentar.

Esta primeira desterritorialização, imposta pela migração forçada dos africanos durante a escravidão, impôs num primeiro momento um sentimento de não pertença, como pode ser conferido nas falas de alguns moradores quando se referem a seus antepassados:

“De primero, quando eu me intendi, que me criei, os pessoal de primero num tinha nada, eu acho também que isso atravessa a situação...” (D Dos anjos em maio de 2015).

O contexto econômico colonial fez com que as fazendas da região, na época do enfraquecimento financeiro fossem abandonadas pelos proprietários, dando margem a fuga dos negros escravizados para o interior da Bahia. Porém, muitos não se distanciaram tanto dos centros de troca comercial a fim de garantir alguma renda com o cultivo da mandioca.

Depois do processo de adaptação ao lugar, com o estabelecimento da rede social de contatos e de solidariedade, e com o desenvolvimento de técnicas racionais tradicionais foi possível a existência e fixação de várias comunidades similares, que se apropriaram daquele espaço, consolidando território. Assim, a população deste complexo de quilombos se consolida e os grupos produzem identidades territoriais próprias.

⁴ O geógrafo brasileiro Rogerio Haesbaert, reconhece a Desterritorialização, como desmaterialização, dissolução das distâncias, deslocalização, mas na sociedade contemporânea globalizada pode ser entendido também como o um processo de exclusão socioespacial, o qual estará sempre acompanhado do processo de reterritorialização, isto porque a criação de territórios é inerente ao homem (HAESBAERT, 2006).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Anos mais tarde, nova desterritorialização ocorre quando o foco político da Bahia se volta para essa área. O direcionamento do governo do Estado para atuar na Região do Baixo Sul com seus projetos de turismo e incentivo às indústrias agrícolas, desfez assentamentos quilombolas, reduzindo seus espaços de reprodução familiar. Os fazendeiros, aproveitando o ensejo, fazem forte pressão para a liberação e aquisição daquelas terras, com a implantação de indústrias agrícolas e latifúndios.

Neste período alguns moradores locais saíram de seus territórios para tentar a sorte nas periferias das incipientes cidades da região. Outros, por sua vez, mantiveram-se nas proximidades de seus territórios, porém, com redução de parte das terras que utilizavam para a reprodução social, e na perspectiva de aumento da renda familiar tornam-se empregados das fazendas vizinhas.

As famílias que decidiram não migrar, apesar da pressão dos grandes fazendeiros e políticos, redistribuíram suas glebas de terra e permaneceram próximos aos seus territórios de vida, mantendo a rede de quilombos tradicional apesar das fissuras territoriais promovidas pelos novos proprietários.

Atualmente a conjuntura política, leva a outro processo de adaptação territorial, observado no recorte do Quilombo Laranjeira, com a implantação de políticas públicas urbanas. A implementação das redes técnicas e das habitações do tipo vila foram contraditórias às formas tradicionais de disposição territorial, consequentemente, expuseram a comunidade aos agentes externos que trouxeram consigo novos valores e novos anseios para as pessoas.

Em 2006, Laranjeira recebeu a intervenção da Companhia de Ação Regional (CAR), para a construção de edificações residenciais, consequência de um acordo firmado entre a Prefeitura de Igrapiúna, o Governo do Estado e a Associação de Moradores, que através do Programa Produzir se comprometeram em construir 19 casas. O órgão buscou adotar um processo participativo, porém neste, foi possível elencar uma série de complicadores:



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

- a) Primeiro as relações entre a CAR e a população local foram marcadas pela apresentação de ideias por parte do órgão estadual, através da apresentação de pranchas arquitetônicas e linguagem técnica, o que levou a uma baixa compreensão dos moradores com relação ao projeto. E conseqüentemente, a aprovação e execução de uma proposta habitacional que não tenha correspondência com a real necessidade de morar do grupo;
- b) Segundo a descentralização de poder e a distribuição de responsabilidades entre a Associação dos Pequenos Agricultores Rurais de Laranjeira e Região, a CAR e a Prefeitura de Igrapiúna promoveram a diluição do comando. Colocou a Associação na linha de frente da construção, porém sem autonomia para gestão dos recursos ou alterações no processo. Além disso, as mudanças da prefeitura municipal impostas pelo sistema eleitoral deram brecha para que os profissionais responsáveis pela construção se abstivessem da responsabilidade de concluir os serviços. Por outro lado, a CAR, verdadeira gestora dos recursos colocou-se apenas na tarefa de cobrar da associação os resultados. Ao receber notícias sobre o abandono das obras a CAR, através do seu sistema computacional de controle dos recursos inseriu a Associação na situação de inadimplente e encerrou suas visitas.

Todos esses fatores contribuíram para a interrupção do processo, causando problemas para os cidadãos-beneficiários, a começar pelo não recebimento integral dos equipamentos, levando a população a custear as modificações necessárias para a ocupação; até a desmoralização da associação, levando a desentrosamento entre seus membros e a impossibilidade de ingressar em outros programas de governos, devido ao status de inadimplente.

Além deste política habitacional, ao longo da primeira década dos anos 2000, Laranjeira obteve acesso a sistemas de luz elétrica, água canalizada, rodovias e telefonia móvel. Devido ao arcabouço legal e institucional criado pelo Estado brasileiro que possibilitou a inserção dos territórios quilombolas no acesso às redes técnicas. Desde então, a organização territorial tradicional é transformada para facilitar o uso dos equipamentos públicos e, assim a população novamente rearranja seus territórios



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

produzindo formas carregadas de novos conteúdos, adaptando-se aos agentes do poder hegemônico.

Os Estudos feitos por Barreto (2006), Echeverry (2014), bem como os desenvolvidos na dissertação desta autora apontam para os impactos que as políticas urbanas têm nos territórios quilombolas em função, principalmente, da maneira com que essas ações são implementadas. Tais mudanças acabam, inserindo, nessas comunidades, um processo de urbanização necessário e, ao mesmo tempo, inquietante.

A inquietação deriva do modo racional e padronizado com que as políticas urbanas vêm sendo implantadas, por vezes, ferem os aspectos culturais, étnicos e produtivos locais. Isso por sua vez, fragiliza os enlaces que mantêm a coesão do grupo social e o expõe à extorsão de suas terras e a perda de características culturais.

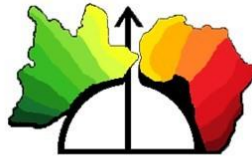
Impactos das políticas públicas na territorialidade de Laranjeira

A partir das categorias de análise adotadas na pesquisa de mestrado dessa autora, pôde-se observar as transformações na territorialidade do Quilombo Laranjeira, a partir das políticas públicas urbanas implementadas pelo Estado que tem levado a mesclas territoriais.

A seguir tem-se as considerações finais obtidas para cada uma das categorias de análise:

Espaços de Produção

A atividade econômica em Laranjeira é pautada na agricultura familiar. Antes voltada para a subsistência e para a mandiocultura, com comercialização da farinha nas feiras locais. Hoje o sustento familiar está incrementado com o emprego de alguns membros nas grandes fazendas vizinhas e com a geração de renda pela comercialização de outros produtos, como o cacau, o cravo, a borracha, a pupunha.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

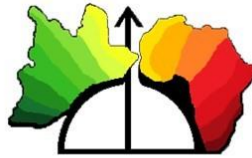
O espaço de produção deixou de estar intimamente relacionado com a habitação. Sendo agora assumidamente distante. Com a distância da nova casa para o espaço de cultivo as casas da roça tornaram-se apoios para a produção; armazenamento das ferramentas, sementes e colheitas. Porém, com essa função não recebem os mesmos cuidados de manutenção, com isso muitas se encontram em avançado processo de deterioração.

Em algumas famílias o trabalho com a roça e a caça, disputa o tempo dos quilombolas com o trabalho como empregado em fazendas próximas. Nota-se alteração na intencionalidade do trabalho. Antes necessário para a garantia da vida, para a alimentação e para algumas operações de troca. Atualmente o valor monetário da força de trabalho ganhou preponderância. Com isso há uma abertura maior para a relação assalariada.

Tanto nos casos dos moradores que possuem trabalho assalariado, quanto àqueles que praticam apenas a agricultura familiar, relatam a diferença nos percursos que antes ocorriam apenas através das variantes e agora em algumas situações precisam transitar sozinhos ou com seus animais de carga pela rodagem, dividindo espaço com caminhões, carros e motos.

A relação entre o espaço de morar e trabalhar fora modificada, passando a existir uma separação entre a habitação e o cultivo, influenciada principalmente pela chegada das redes técnicas de transporte e energia elétrica (Vide Fig. 01).

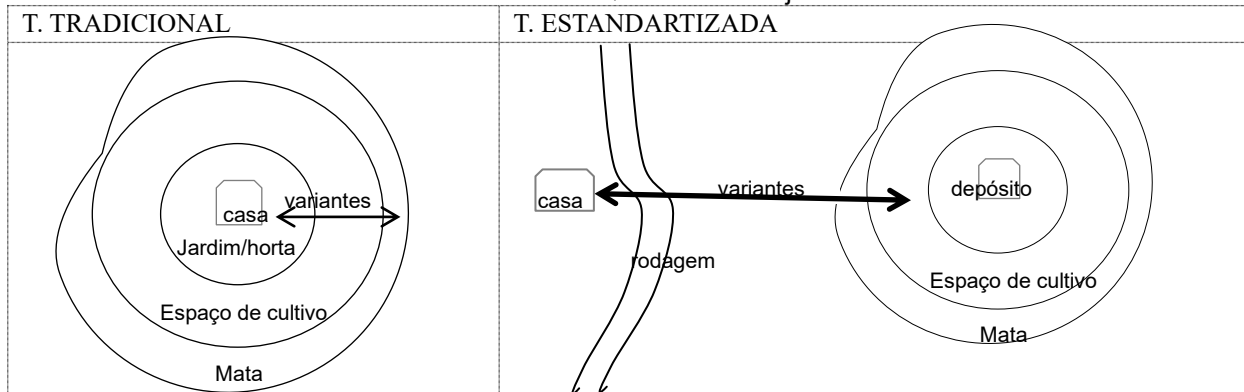
Na figura 01 busca-se comparar esquematicamente os percursos casa – espaços de cultivo encontrados na territorialidade tradicional e estandardizada e que sintetizam as observações explanadas acima.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

FIGURA 01 – Comparativo dos esquemas da relação habitação e espaços de cultivo nas territorialidades do Quilombo Laranjeira⁵.



FONTE: Elaborado pela autora (Delânia Azevedo), 2015.

Espaço de Culto

O Terreiro de Oxóssi, assim como outros terreiros das localidades vizinhas, que pelos relatos, exercem influência na vida dos moradores por serem considerados lugares sagrados onde se encontra: cura de doenças, solução de problemas de várias ordens, festas e encontros. Essas atividades fortaleciam os enlaces de vizinhança e eram significativos momentos de sociabilidade que ocorriam nos espaços de culto tradicionais, os terreiros de candomblé.

Entretanto, a partir da chegada das igrejas evangélicas, estas incitam o distanciamento para com o terreiro e seus adeptos, atuando contrariamente aos enlaces de vizinhança preestabelecidos, conferindo uma ideia negativa aqueles elementos de matriz africana.

Observa-se que os pastores buscam atuar principalmente entre os jovens, preparando aniversários e reuniões com músicas, usando os equipamentos musicais modernos para disseminar suas compreensões de mundo nas personalidades em formação.

⁵ Variante é o nome utilizado pelos moradores de Laranjeira para identificar os caminhos estreitos de terra batida que faz a interligação dos espaços da comunidade.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Essas práticas reforçam os ideais cristãos, tão caros ao capitalismo, conforme se lê em Max Weber (2004) no livro a ética protestante e o “espírito” do capitalismo, no sistema de valores do grupo, em detrimento da sacralização da natureza inerente a religião de matriz africana.

Nota-se que entre os adultos as novas religiões têm sido aceitas, porém não excluem a continuidade das praticas do candomblé apontando para a possibilidade de futuras fusões religiosas naquele grupo.

Territorialmente se observa a diferença no modo de especializar os espaços de cultos. O terreiro inserido na mata, envolto na vegetação, somente acessível pelas variantes, nada visível para quem transita pela rodagem e com dificuldade de acesso a algumas redes técnicas.

D. Anja, mãe de santo da comunidade, conta que somente no ano de 2014, com o auxílio de técnicos da prefeitura de Igrapiúna, ela conseguiu estabelecer a energia elétrica no terreiro de Oxóssi. “esse quilombo aqui já é muito antigo, isto aqui já é muito antigo, e depois desse negocio (políticas públicas) pra cá, ta chegando mais esses beneficio (...) mas o luz pra todos aqui pra gente num entro, a gente pelejo pra entra aqui a enegia...” (Anja, 52 anos, outubro de 2014, parêntese nosso)

Enquanto as igrejas se localizam na margem da via com facilidade de acesso e de contato com as redes técnicas. Essa disparidade de localização expõe as diferentes prioridades de cada uma dessas religiões e reforça a noção dicotômica entre o antigo (terreiro) e o moderno (igrejas) que paira no ideário daqueles moradores.

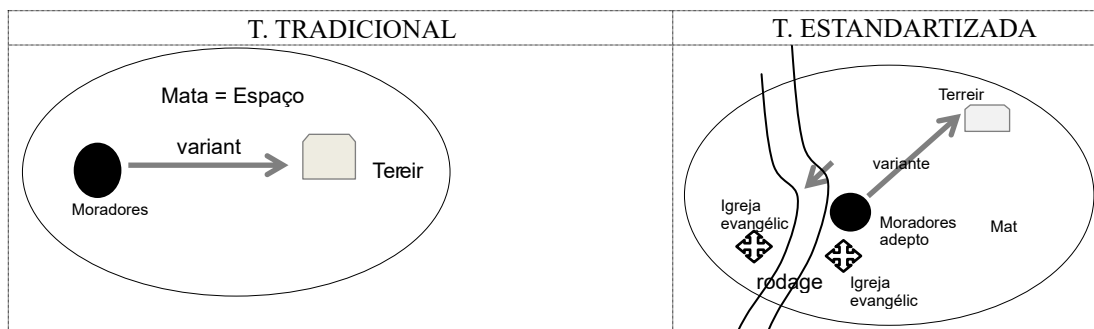
Na figura 02 busca-se comparar esquematicamente a diferença de localização dos espaços de culto identificados como parte das territorialidades tradicional e estandardizada do quilombo Laranjeira.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

FIGURA 02 – Comparativo dos esquemas dos espaços de culto nas territorialidades estudadas no Quilombo Laranjeira.



FONTE: Elaborado pela autora (Delânia Azevedo), 2015.

Equipamentos Coletivos Significativos

Nos equipamentos coletivos significativos vê-se a diferenciação entre a técnica tradicional quilombola e as redes técnicas⁶ de infraestrutura urbana. Ambas, conforme esclarece Pefeffer (2001), refletem a cultura de que a produziu.

Sendo que as redes técnicas tradicionais denotam as possibilidades de uma população que sabe distinguir: a) as madeiras de acordo com o uso específico; b) que detêm habilidades manuais para modificar os recursos naturais em prol das necessidades cotidianas; c) que reconhece a dependência dos recursos naturais; d) que sobrevive da produção da roça; e) que se solidariza com os demais membros da coletividade. Isto porque o esforço braçal exigido em cada uma das técnicas tradicionais de sobrevivência (construção das casas, captação de água, beneficiamento da mandioca, contato com a mata), faz necessária a prática da ajuda mútua, pela certeza de que as trocas solidárias são sempre válidas “porque hoje eu ajudo, amanhã eu é que preciso” (Sic Erivan⁷, 21 anos) .

Por sua vez, as redes técnicas urbanas, como expressão da modernidade com seus fios, postes, equipamentos e tecnologias oferecem a sedução do novo, a comodidade,

⁶ Rede técnica conforme o conceito de SANTANA (2006).

⁷ Erivan Conceição, 21 anos, filho de Sr. Martinho, nascido e criado em Laranjeira, quando questionado se ele ainda vai ajudar algum vizinho a levantar a casa.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

a possibilidade de obter novas aparelhagens, facilitam o trabalho doméstico, artesanal e agrícola. Mas, também implica na dependência financeira, as contas resultantes deste conforto precisam ser pagas mensalmente em dinheiro. Daí vem a necessidade de trabalhar, não apenas para o sustento, mas para garantir o usufruto das modernidades, implicando como já visto outrora nas mudanças estruturais dos espaços e métodos de produção.

A casa de Farinha movida à água, apesar de estar em ruínas, permanece viva na memória dos habitantes de Laranjeira. Sendo, portanto, uma simbologia importante deste grupo, que representa o que eles conseguem fazer quando se unem.

As nascentes que traduzem a abundância e generosidade do seu território são ainda hoje preservadas. Não há presença de lixo, mau cheiro, ou construções nas proximidades desses espaços. São áreas de preservação instituídas pelo próprio grupo e conservadas ainda na atualidade.

A água canalizada em função dos recorrentes defeitos na bomba ainda não é tão ovacionada pelos moradores, porém, ela representa uma mudança nos comportamentos sanitários do grupo. A partir da rede de água canalizada houve uma adesão aos sanitários, pela possibilidade de construir reservatórios para as descargas sanitárias, elemento que era antes inexistente nas casas da roça.

A escola, pela sua história de inserção diferenciada nesta comunidade, é um importante elemento de sociabilidade. As festas da escola Idalina contam com a ampla participação da comunidade e ali são recriadas: as cantigas e as brincadeiras das crianças. Desse modo, os mais velhos são solicitados a contribuir com ideias e com as oficinas, enquanto que os adultos percebem que a nova geração está tendo um apreço maior à cultura tradicional, do que eles mesmos tiveram.

O processo de alfabetização e melhoria da educação formal tem possibilitado as novas gerações melhoria na autoestima conferindo ao jovens a certeza de que podem



SALVADOR E SUAS CORES 2017

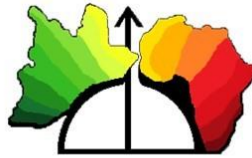
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

fazer ou não escolhas diferentes dos seus antepassados, por essa razão é possível reconhecer positivamente o anseio pelo novo, pois é a geração que pode optar entre permanecer ou mudar. “Benedito esse meu companheiro (...) Ele nasceu aqui também, pois ele nasceu aqui, se criou aqui, casô aqui, a família toda aqui, uma enxurrada de neto, foi ter bisneto aqui, num saiu daqui pra canto nenhum (...) nossos filho mora em salvador a metade, mas nenhum é de acordo agente vende a área da gente... quem sabe se num vai volta, **e ali é um bem de raiz**. Filho, neto, bisneto, tataraneto, quaque um que pedi vou faze uma casa, aonde? No lugá de meu bisavo, no lugá de meu avô, no lugá de meu pai...” (Anjos, 68 anos, maio de 2015, grifo nosso)

Observe que o entendimento da família de D. dos Anjos sobre as suas terras se posiciona inclusive no entendimento dessa possibilidade de ir e voltar a depender da vontade e das circunstâncias, mas a segurança e a referência que acompanha todas as gerações são as terras do quilombo.

As danças e festejos passaram a ocorrer não mais nas frentes das casas, e sim na área em frente a escola. Ultimamente, porém, as exigências protestantes e os desentendimentos nos encontros da associação acarretaram em uma ausência de danças da zabelinha e enrolador na comunidade desde o ano de 2014. Este fato foi relatado com pesar pelos moradores, especialmente os mais velhos. Atualmente, os professores da escola buscam fortalecer essa cultura local nas aulas.

A implantação da rede de energia elétrica trata de importante mudança na comunidade. Já que tem definido o vetor de crescimento da comunidade. A direção em que foi colocada linear ao longo da via condicionou a implantação de novas moradias. Além disso, a eletrificação possibilitou a existência e uso dos eletrodomésticos, lâmpadas e aparelhos telefônicos, provocando um intenso recebimento de informações externas, alterando de modo significativo os anseios dos moradores por fazer parte desse novo mundo. Um fato curioso foi que em muitas das



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

conversas realizadas dentro das casas, encontrava o aparelho de som ligado e sintonizados em músicas internacionais.

Segundo Locatelli (2013), as condições para as transformações do campo encontram-se nas modificações do contexto estrutural global. Assim, um dos elementos mais determinantes do processo de urbanização é o aumento da mobilidade geográfica, tanto de pessoas e bens, quanto de ideias. Este elemento está diretamente associado aos meios de transporte e de comunicação.

A abertura da rodovia no Quilombo Laranjeira acarretou uma abertura do grupo a agentes externos, como: pastores evangélicos, políticos, turistas e outros. Por outro lado, houve também a saída da comunidade com maior frequência e facilidade para o externo ampliando as trocas de informações e facilitando o processo de urbanização da comunidade.

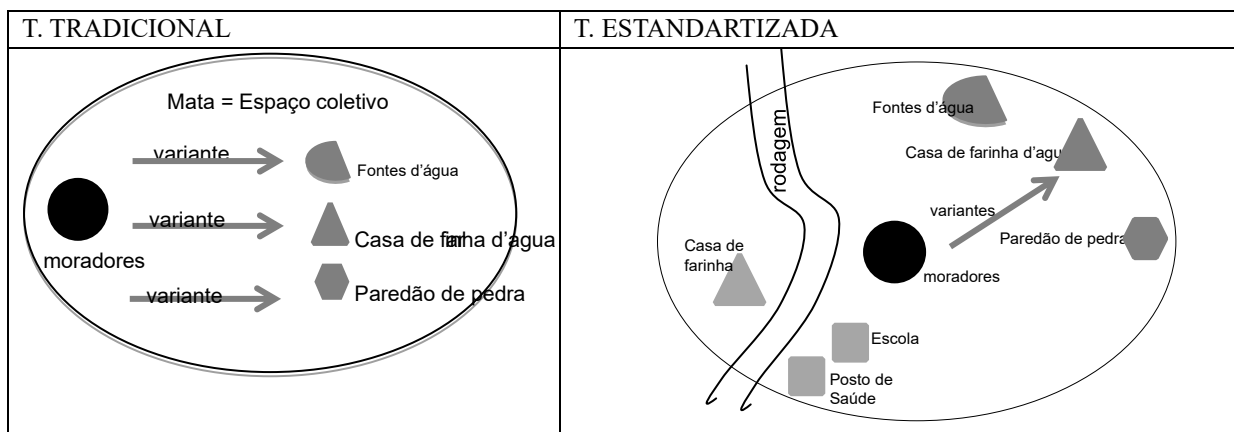
Territorialmente percebe-se que a disposição espacial dos equipamentos coletivos anteriores as políticas públicas eram fruto das técnicas tradicionais quilombolas e estavam inseridos na vegetação, acessados pelas vias de pedestres chamadas variantes. Agora as redes técnicas abrem a comunidade para as tecnologias modernas, facilitando em muitos aspectos a vida dos moradores e inserindo-os no modo de vida capitalista da sociedade dominante, deste modo, surge como novo vetor de crescimento do grupo, a linha de posteamento e a rodagem como nova rota de fluxos e itinerários, tal como demonstra esquematicamente o comparativo da figura 03.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

FIGURA 03 – Comparativo dos esquemas dos percursos entre o grupo e os espaços coletivos nas territorialidades do Quilombo Laranjeira



FONTE: Elaborado pela autora (Delânia Azevedo), 2015.

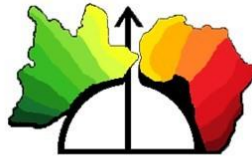
Habitação

A pesquisa de campo demonstrou que a disposição das casas da roça ocorre de modo disperso, imerso na vegetação e sem visibilidade para quem passa pela estrada. De acordo com Jatobá⁸ apud Barreto (2006, pg.68) essa configuração territorial das residências revela um “traço da estratégia social historicamente adotada por essa comunidade: a invisibilização”

A dispersão, segundo a abordagem do território teia de Souza (1995) não é aleatória, mas reflexo da estrutura social. As relações de domínio familiar sobre determinado quinhão de terra irão definir a localização das casas (conexões ou nós), as quais são Interligadas entre si pelos caminhos que conduzem os fluxos das pessoas, denominados variantes.

A arquitetura da casa tradicional absorve: a) a lógica de crescimento familiar, tanto que os quartos são divididos entre crianças e adultos, desta forma quando o jovem passa a possuir família tem que providenciar sua própria casa; b) os saberes

⁸ JATOBÁ, Danielli. A comunidade Kalunga e interpelação do Estado: da invisibilidade à identidade política. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília, 2002.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

construtivos da população, de como lidar com cada tipo de madeira, com cada espécie de folhagem; c) as características de materiais locais, as pessoas organizam o seu território e definem o local de coleta da água, da madeira, do barro, e os meios de conviver com estes lugares; e d) a adequação com as necessidades produtivas e de sociabilidade, ao construir a casa são executados os cômodos que compõe suas necessidades básicas, sejam elas de convivência ou de trabalho.

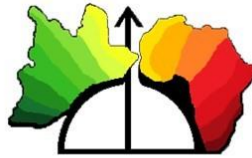
A partir das redes técnicas incorporadas ao território e a política em prol dos quilombos essa comunidade é encorajada a se expor enquanto grupo a partir das suas organizações internas como a associação ou o grupo da zabelinha, numa mobilização que vai de encontro do conceito de territorialização de Oliveira (1998).

A territorialização na visão do antropólogo João Pacheco de Oliveira (1998), define o movimento pelo qual o sujeito político (neste caso a comunidade remanescente de Quilombo Laranjeira) se transforma numa coletividade organizada, formulando uma identidade própria, instituindo mecanismos de tomada de decisão e representação e reestruturando as suas formas culturais.

Neste movimento organizativo que vai do externo para o interno as pessoas vão paulatinamente aproximando suas residências para a estrada de veículos, visíveis a quem passa pela via. “A dimensão territorial é estratégica para pensar a incorporação de populações etnicamente diferenciadas dentro de um Estado nação” (OLIVEIRA, 1998, p. 55-56).

Nesse sentido, o processo de territorialização apontado em Laranjeira ocorre gradualmente desde o final dos anos 1990 e vem sendo estimulados pelas recentes políticas públicas num complexo processo de reorganização social. Com isso, tem alcançado benfeitorias ainda que incompletas por parte do Estado.

Quando a equipe da CAR analisou o estado das moradias de Laranjeira e percebendo a precariedade das instalações, pela falta de sanitários, pela rusticidade dos materiais



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

e quantidade reduzida de cômodos, iniciou ali trabalhos para a construção de novas casas, a fim de contribuir para a necessária melhoria das infraestruturas locais.

Entretanto, algumas características fundamentais da arquitetura daquele grupo não foram consideradas. Os profissionais envolvidos projetaram casas com três quartos e sanitário, mas não identificaram a importância dos anexos para as atividades produtivas, nem a sociabilidades que ocorre entre os anexos e a casa. Não consideraram a casa como o núcleo rígido do espaço de cultivo. Com tudo isso o projeto não possibilitou o fortalecimento da identidade territorial.

A implementação das habitações do tipo vila, com casas dispostas em fileiras concentradas em um ponto único conferiu uma dinâmica espacial significativamente dispares da tradicional. Enquanto a Territorialidade tradicional via-se uma disposição do tipo rede, na territorialidade estandardizada tem-se uma disposição linear acompanhando o sentido das vias.

Se o cultivo das hortas e jardins estavam sempre associados à casa, na estandardizada, a população não possui esses espaços e observa-se a busca de brechas no entorno para dar continuidade a essas praticas. Por essa razão, as casas padronizadas não atendem todo o conteúdo social que envolve a arquitetura do quilombo, revela quais são as praticas sociais indispensáveis para a vida daquelas pessoas.

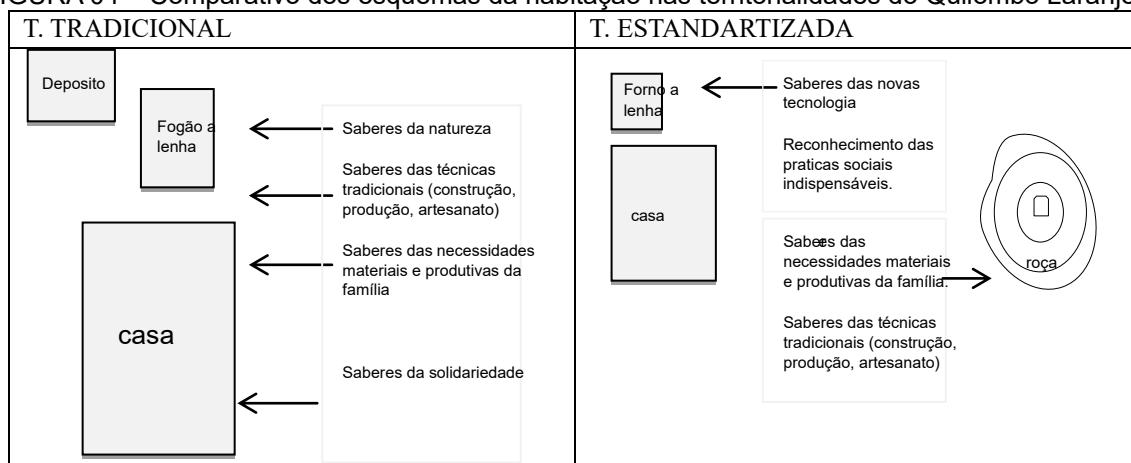
Na figura 04. busca-se comparar esquematicamente a diferença de conteúdos que envolvem as habitações nas territorialidades tradicional e estandardizada do quilombo Laranjeira.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

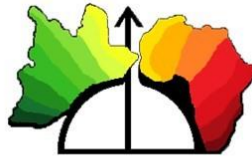
FIGURA 04 – Comparativo dos esquemas da habitação nas territorialidades do Quilombo Laranjeira



FONTE: Elaborado pela autora (Delânia Azevedo), 2015.

A partir das categorias analisadas vê-se que as políticas públicas urbanas impactam a territorialidade do Quilombo Laranjeira na medida em que:

- a) Opera uma transformação dos pontos fortes e fluxos da comunidade. Pelo conceito de *Joel Bonnemaison* (2002) o território seria como uma rede de pontos e itinerários e o uso destes caracterizariam o espaço vivenciado, a apropriação do espaço, e proporcionariam a afetividade e identificação com os lugares, sem necessariamente exigir uma fixidez do grupo, mas sim uma relação íntima e afetiva deste com alguns lugares de maior significado: “pontos forte” ou itinerários, reconhecidos que iriam determinar o território do quilombo. Nessa dissertação os “pontos forte” apontados nas categorias de análise e os itinerários serão denominados como variantes e rodagem, se referem a elementos materiais existentes no território, os quais, desde a chegada das políticas públicas urbanas vem sofrendo alterações quanto ao uso, disposição espacial e valor simbólico.
- b) Com todas as transformações que gradualmente ocorrem no território do Quilombo Laranjeira, por meio da incorporação de novas tecnologias ao processo produtivo (modernização da agricultura), dos avanços nos meios de transporte e de comunicações e das novas demandas que isso implica, o quilombo se vê afetado pelo deslocamento da vida social. Esses deslocamentos, em parte, se dão pelas novas



SALVADOR E SUAS CORES 2017

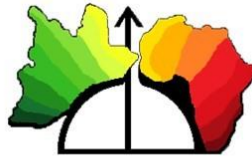
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

relações estabelecidas pelo conjunto da população do campo com outros grupos e, em maior medida, pelas novas formas de interação social dos jovens. Estes passam a se deslocar para a cidade para trabalhar ou para receber instruções nas instituições de ensino, além de buscarem também atividades de lazer. Dessa forma, se multiplicam os deslocamentos desse segmento da população rural (que agora passam a ser quase que diários) fora do meio de vida residencial. Este fator associado a objetos como o rádio, a televisão e, recentemente, o telefone (fixo e móvel) e ainda em menor proporção a internet, servem para difundir o modo de vida urbano que a população toma como seu.

Assim, as transformações estruturais são acompanhadas por transformações das representações sociais e culturais.

- c) Os modos de se dispor no espaço também foram modificados passando da estratégia de invisibilidade, para assumir as práticas urbanas em seu território e aproveitando a oportunidade do momento histórico atual de se auto afirmar no espaço. A implementação das redes técnicas e das habitações do tipo vila alteram as formas tradicionais de disposição territorial e abriu a comunidade a agentes externos que trouxeram consigo novos valores e novos anseios para as pessoas.
- d) As práticas de construção tem revelado mesclas culturais no espaço construído de Laranjeira. Buscando ajustar os conhecimentos tradicionais do grupo com as novas técnicas e possibilidades.

É perceptível, a partir das conversas com os quilombolas o entendimento das pessoas quanto aos aspectos negativos do projeto da CAR, e agora os moradores estão buscando estratégias para absorver esta experiência e assim agir diferente em novas oportunidades. O Programa Minha Casa Minha Vida Rural (PMCMVR) vem cadastrando moradores da comunidade para a construção de casas novas, as quais eles já perguntam primeiramente se será de alvenaria e depois onde será construída. A maioria prefere que seja feita dentro de sua área de cultivo, revelando assim uma possível retomada da forma tradicional de se dispor no território associado a novas técnicas construtivas e as redes técnicas.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Por outro lado, aqueles que não se interessam em esperar a possível casa do PMCMVR estão adotando uma maneira de adequar as diversas técnicas construtivas a que eles tem acesso. Uma hibridação de técnicas variadas: taipa, tábua, blocos. Com localização espaçada, porem não tanto quanto a territorialidade tradicional e não tão próxima quanto a Territorialidade estandardizada.

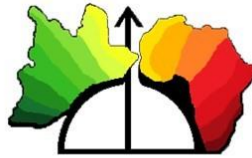
No Mapa 01 é possível observar casas ao longo da via, identificadas como casa hibrida, as quais foram executadas, em sua maioria, de acordo com essa mesclagem de técnicas novas e antigas.

FIGURA 05 – moradores mesclando os saberes antigos com os novos na construção das casas.



FONTE: Registrado pela autora (Delânia Azevedo), outubro de 2014

A foto da figura 05 apresenta a casa de um dos filhos do líder comunitário, que está localizado dentro do quinhão de terra dos seus pais porém conta com um espaçamento em relação a casa deles, apresenta horta e jardins próprios, porém tem uma certa proximidade em relação a estrada. O Mapa 01 destaca esta casa no conjunto, mostrando uma nova forma de habitar que esta sendo desenvolvida pelos moradores, que está no meio termo entre a territorialidade tradicional e a estandardizada.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Na imagem da figura 06 vê-se outra adaptação. Outro anexo surge na área posterior da casa junto ao da guarda de utensílios da roça, o da guarda de veículos. Os moradores vão aos poucos reinventando modos de equilibrar as novas e velhas formas, mesclando saberes e necessidades.

FIGURA 06 – Moradores mesclando os saberes antigos com os novos na construção das casas.

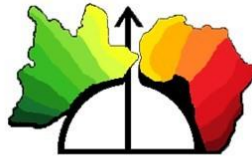


FONTE: Registrado pela autora (Delânia Azevedo), outubro de 2014

Pelo que fora analisado observa-se que os impactos das políticas urbanas na territorialidade de Laranjeira refletem alterações das técnicas de sobrevivência do grupo, sejam elas sociais, construtivas ou laborais, isto porque conforme esclarece Santos (2001) as técnicas são datadas, estão diretamente relacionadas com a época e o lugar em que são criadas.

E o espaço vivido que se traduz como território tem em sua materialidade as marcas do tempo através das técnicas adotadas pelo grupo social que o vivencia. Nesse sentido é que foram utilizadas as territorialidades tradicional e estandardizadas, que coexistindo no território do quilombo, mostram as diversas formas e conteúdos que vem sendo processadas por esse grupo.

De acordo com Rafael Sânzio dos Anjos o território é,



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

“... um instrumento de observação do que aconteceu – porque representa as marcas da historicidade espacial – do que está acontecendo – porque, tem registrado os agentes que atuam na configuração geográfica atual – e do que pode acontecer, - porque é possível capturar as linhas de forças da dinâmica territorial e apontar as possibilidade da estrutura do espaço no futuro próximo.” (ANJOS, 2006, P. 339)

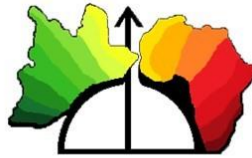
O que se vislumbra hoje no Quilombo estudado, é o crescimento do ideário capitalista, a formação territorial tipo vila, o domínio das redes técnicas na comunicação entre os moradores e a ampliação do consumo. As chegadas das redes técnicas foram recebidas com alegrias pela população local, e esse acolhimento à modernidade tem impactos no modo de viver, produzir e sentir cotidiano provocando assim adaptações no espaço vivido, no território.

Para Mamigonian (2004), os quilombos brasileiros são grupos que conservam as heranças africanas da composição étnico social da nação. Em função disso há uma tendência preservacionista em relação a estes grupos. Porém, o trabalho aproximado com essas populações permite dizer que a conservação estática destes territórios não traduz o anseio das pessoas.

Os projetistas ao intervir no território devem estar atentos à necessária mediação entre atender os anseios latentes na população de modernização, inclusão das estruturas socioculturais locais e a racionalidade técnica moderna. Pensar as múltiplas territorialidades superpostas é uma perspectiva para construir urbanidades, culturalmente adequadas às particularidades dos diferentes grupos sociais.

CONCLUSÃO

A pesquisa aponta que um estudo prévio e aproximado com a comunidade é necessário antes de iniciar os projetos de intervenção pública, pois somente na interação entre o projetista e a comunidade é que se pode estabelecer os princípios norteadores do projeto, associando as necessidades sociais com as necessidades da técnica moderna, priorizando nesse processo as visões de mundo do usuário.

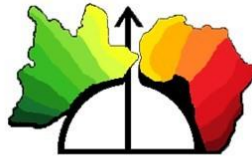


SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Segundo Teixeira (2008), O espaço genérico, em princípio vazio, ao sofrer processos de humanização que incorram na mediação física cultural de um grupo de pessoas sobre o espaço, tornar-se-á território, e o indivíduo por sua vez, deixará de ser errante para tornar-se enraizado. A vivência, a apropriação desse território, são as territorialidades, uma ação constante sobre o mesmo, mas não necessariamente igual. A territorialidade poderá sofrer mutações a depender da época, do contexto, dos contatos com outros grupos. Desta forma, podem haver muitas territorialidades, muitas formas do grupo se apropriar do seu território, de confeccionar a sua trama de lugares e itinerários.

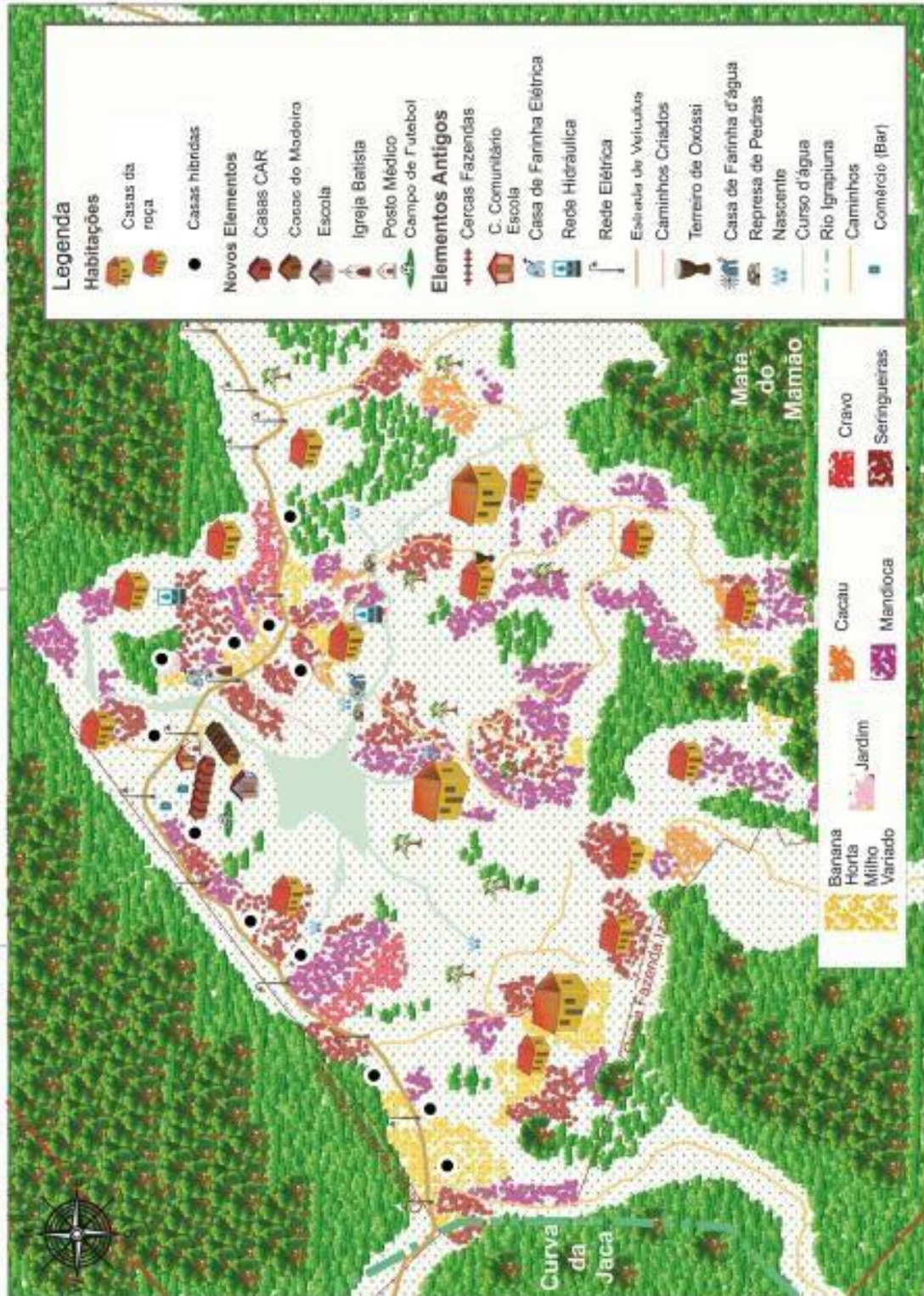
A metodologia aplicada possibilitou o reconhecimento de duas territorialidades em Laranjeira, a tradicional e a estandardizada, coexistido e se mesclando no território do quilombo. As políticas públicas urbanas implantadas causaram impactos relevantes na dinâmica físico-espaciais desta comunidade. A relevância desses impactos foi baseada em sua capacidade de alterar a forma com que os quilombolas dispõem espacialmente os elementos construídos e nos ajustes estruturais e organizacionais da comunidade, que antes eram determinadas pelas relações sociais baseadas na familiaridade, culturais, de matriz africana e técnicas tradicionais. Agora se tem a associação destes elementos tradicionais à matriz cristã e às redes técnicas modernas.



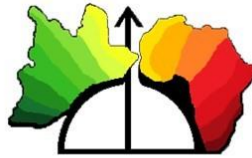
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

ANEXO – MAPA 01 _ Territorialidade Estandarizada do Quilombo Laranjeira – BA



FONTE: Elaborado pela autora (Delânia Azevedo) e Marília Libório, 2015.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

REFERENCIAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Cartografia e Quilombos: Territórios étnicos africanos no Brasil**, Revista: Africana Studia, nº 9, Edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), pp. 337-355. 2006. Disponível em: <http://africanos.eu/ceaup/uploads/AS09_337.pdf> Acessado em: 11 de Nov. 2015.

BARRETO, Jônatas Nunes. **Implantação de infraestrutura habitacional em comunidades tradicionais: o caso da comunidade Kalunga**. 2006, 107f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UNB. Universidade de Brasília. Brasília. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/1548>> Acessado em : 12 de Nov. 2015.

BONNEMAISON, Joël. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132. (Série Geografia Cultural).

DEFREYN, Diego R. et al; **O Caráter Indissociável De Redes E Territórios**. In Anais XVI Encontro Nacional dos geógrafos. Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre - RS, 2010. Disponível em: <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2666> Acessado em: 23 de julho de 2015.

ECHEVERRY, Sandra Milena Vélez; **Impactos da eletrificação no desenvolvimento rural em comunidades Quilombolas: caso dos Kalunga em Cavalcante-GO**. 2014. 174f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural) - Faculdade Unb Planaltina, UNB. Universidade de Brasília. Brasília-DF. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/16147>> Acessado em: 12 de Nov. de 2015.

HAESBAERT, Rogério. **Ordenamento Territorial**. Boletim Goiano de Geografia, v. 26, p. 117-124, 2006.

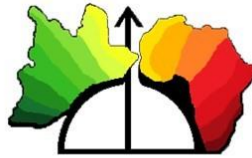
_____. **Hibridismo Cultural, "antropofagia" identitária e transterritorialidade**. In: BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo. (Org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA e Edições L'Harmattan, 2012. p. 27-46.

1.

2. _____. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

LOCATEL, Celso Donizete. **Da dicotomia rural-urbano à urbanização do território no brasil**, revista: **Mercator**, UFC, Fortaleza, v. 12, número especial (2), p. 85-102, set. 2013.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti - **África no Brasil: mapa de uma área em expansão**, Topoi 9 - Revista de História da UFRJ – ISBN 1518-3319 - Jul.-Dez. 2004- Volume



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

05. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi09.htm>
Acessado em: 11 de nov. 2015.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. Mana; vol.4; n.1. Rio de Janeiro. 1998. *Mana Online*.

Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2426.pdf>> Acessado em: 12 de Nov. 2015.

PEFEFFER, Renato Somberg. **Das Técnicas Mágico-religiosas à racionalidade técnica**. Revista Pretexto, Belo Horizonte, v. II, n.4, p. 37-42, dez. 2001. Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0CCsQFjADahUKEwiqh8_yylvJAhWLGJAKHSK6CX4&url=http%3A%2F%2Fww.fumec.br%2Frevistas%2Fpretexto%2Farticle%2Fdownload%2F368%2F364&usq=AFQjCNFfr3Ks7_YNnP2EyxNOZn61VN4zA&sig2=k0YW7JDmolviUzUjz0JFFw&bvm=bv.107406026,d.Y2I> Acesso em: 12 de Nov. 2015.

POLLICE, Fabio; O Papel da Identidade Territorial nos Processos de Desenvolvimento Local. In **Revista Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n.º. 27, pg. 7-23, 2010

3. SANTANA, Mário Rubem Costa. **O espaço Urbano em construção: As redes técnicas na cidade de Salvador do século XXI**. 2006. 277f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UFBA. Universidade Federal Da Bahia. Salvador. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11650/1/TeseM%C3%A1rioRubem.pdf>>
Acessado em: 12 de Nov. 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**; 6º ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território; sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento In CASTRO, I. E. de et al (Orgs). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.77-116.

TAROUCO, Fabrício; e REYES, Paulo; **Identidade Territorial: um processo de construção**. DESENHANDO O FUTURO 2011 | 1º Congresso Nacional de Design
TEIXEIRA, Ivan M. R; OS FAZEDORES DE TERRITÓRIOS: migração e ruralidades no contexto urbano. In REDD - **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.1, n.1, jul./dez. 2008.

WEBER, Max. (1864-1920). **A Ética Protestante e o “espírito” do Capitalismo**. Trad.: José marcos Mariani de Macedo; ed. Companhia das letras, São Paulo, 2004. Disponível em:
<http://www.nesua.uac.pt/uploads/uac_documento_plugin/ficheiro/8db98cff48151daf946fe625988763bfb0737c7e.pdf> Acessado em 08 de nov. 2015.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO